

## Quem falhou? Representações transnacionais sobre a derrota das mulheres como chefes de Estado

*¿Quién falló?*

*Representaciones transnacionales sobre la derrota de las mujeres como jefes de Estado*

*Who have failed?*

*Transnational representations on the defeat of women as heads of State*

**\_Patrícia Guimarães Gil**  
**\_Heloiza Helena Matos e Nobre**

### SOBRE AS AUTORAS >

PATRÍCIA GUIMARÃES GIL

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo,

Universidade de New South Wales (Australia) e ESPM-SP.

e-mail: pgil1976@gmail.com

HELOIZA HELENA MATOS E NOBRE

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo,

PPGCom/USP.

E-mail: heloizamatos@gmail.com.

### RESUMO > RESUMEN > ABSTRACT >

Nos últimos anos lideranças políticas femininas perderam a disputa pelo poder em vários países e outras foram afastadas de seus cargos. Primeiras-ministras e presidentes saíram do jogo da política e o abismo da participação feminina voltou a se aprofundar. O presente artigo tem como objetivo compreender, a partir do comparativo entre a renúncia da primeira-ministra australiana Julia Gillard, ocorrida em 2013 e o impeachment da presidente brasileira Dilma Rousseff, ocorrido em 2016, como a imprensa internacional contribuiu para criar representações além das fronteiras e universalizar as percepções sobre as mulheres à frente de seus Estados.

**Palavras-chave:** Mídia; Gênero; Feminismo; Dilma Rousseff; Julia Gillard.

En los últimos años líderes políticos femeninos perdieron la disputa por el poder en varios países y otras fueron alejadas de sus puestos. Primeras ministras y presidentes salieron del juego de la política y el abismo de la participación femenina se ha profundizado. El presente artículo tiene como objetivo comprender, a partir del comparativo entre la renuncia de la primera ministra australiana Julia Gillard, ocurrida en 2013 y el impeachment de la presidenta brasileña Dilma Rousseff, ocurrido en 2016, como la prensa internacional contribuyó a crear representaciones además de las fronteras y universalizar las percepciones sobre las mujeres al frente de sus Estados.

**Palabras clave:** Medios; Género; Femenino; Dilma Rousseff; Julia Gillard.

In recent years female political leaders have lost the power struggle in several countries of the world and others have been removed from their offices. Prime ministers and presidents have left the game of politics and the abyss of female participation in public debates have deepened after a period of optimism about what seemed to be the beginning of a movement to reduce inequality of gender representation. This article aims to understand, from the comparison between the resignation of Australian Prime Minister Julia Gillard in 2013 and the impeachment of Brazilian President Dilma Rousseff in 2016, how the international press helped to create representations beyond borders and universalize perceptions about women ahead of their States.

**Key words:** Media; Genre; Feminism; Dilma Rousseff; Julia Gillard.

## INTRODUÇÃO

A derrota da democrata Hillary Clinton para o republicano Donald Trump na campanha à presidência dos Estados Unidos no final de 2016 acendeu um sinal de alerta entre estudiosas e militantes feministas (Cage, 2017; Encarnación, 2017; Krook, 2015). Afinal, além do relevante significado das eleições americanas, Clinton está longe de ser um caso isolado. Nos últimos anos lideranças políticas femininas perderam a disputa pelo poder em vários países do mundo e outras foram afastadas de seus cargos. Assim, a desigualdade de gênero em termos de representação política nos mais altos cargos executivos recuou em 2016 a patamares semelhantes a 2009 (Cage, 2017).

Primeiras-ministras e presidentes saíram do jogo da política e o abismo da participação feminina em debates políticos domésticos e internacionais parece ter se aprofundado. O papel da mídia de reproduzir valores sexistas e patriarcais em cada país é uma das causas estruturais desse processo (Campus, 2010; Campus, 2013; Wright; Holland, 2014; Sreberny-Mohammadi; Ross, 1996; Walsh, 1998). Mas até que ponto a imprensa teria capacidade de criar representações além das fronteiras e universalizar as percepções sobre as mulheres à frente de seus Estados?

O presente artigo apresenta evidências de que a mídia constrói e reproduz um relato específico sobre a derrota política de mulheres na esfera pública internacional. Essa conclusão está baseada em uma análise de conteúdo (Bardin, 1977; Bauer, 2008) das narrativas utilizadas na cobertura realizada pelas agências de notícia internacionais sobre dois casos específicos, sendo eles: a renúncia da primeira-ministra australiana Julia Gillard, ocorrida em 2013; e o impeachment da presidente brasileira Dilma Rousseff, ocorrido em 2016.

Importante destacar que o conceito de narrativa utilizado no presente estudo diz respeito à estrutura textual intitulada por Greimas (1973) como narratividade e que expõe “uma série de acontecimentos encadeados em uma ordem determinada pelo narrador, através de palavras, imagens ou uma combinação das mesmas” (Reis Filho, 2001). Isto posto, pontuamos que as narrativas publicadas pelas agências de notícias internacionais sobre as derrotas de Gillard e Rousseff demonstraram dois pontos comuns a serem explorados neste texto: em primeiro lugar, a derrota dessas duas mulheres foi retratada como um caso de submissão ao jogo político; em segundo, as notícias enfatizaram o legado político problemático que elas deixaram para seus sucessores (homens) solucionarem. Sem abordar mais cuidadosamente o desempenho das duas administrações em termos de políticas públicas implementadas, a cobertura da mídia internacional silenciou-se sobre questões de gênero envolvidas nos dois casos. E, ao final, indicaram que Gillard e Rousseff tiveram razões para serem punidas, o que representa um aviso e um desincentivo para mulheres que queiram trilhar caminhos semelhantes. Ressaltamos, desta forma, que os traços de um discurso de gênero nas narrativas analisadas apresentam semelhanças mesmo quando se referem a países distintos, a regimes políticos diferenciados e a uma razoável diferença de tempo (três anos) entre as saídas dessas duas mulheres do poder. Hipotetiza-se, portanto, que esse discurso de representação cristaliza-se na esfera global num contexto de comunicação além das fronteiras tradicionais de Estado que marcam as noções clássicas de política. A mídia assume esse papel de forma crucial.

Para analisar esses achados, o texto a seguir apresenta inicialmente uma breve revisão da literatura sobre gênero, política e mídia. Na sequência, explora as principais conclusões da pesquisa, indicando, ao final, sugestões para futuros estudos sobre o tema.

## GÊNERO, POLÍTICA E MÍDIA

A tradição das pesquisas sobre o viés de gênero da mídia enfatiza especificamente a influência desse tema nos sistemas políticos nacionais (Jalalzai, 2013; Jalalzai, 2016). O presente estudo pretendeu estender a análise desses discursos para o sistema internacional, avaliando como a derrota política de mulheres é representada além dos países em que o episódio ocorre. Com essa ênfase, esta pesquisa alinha-se com a agenda dos estudos feministas na comunicação e na ciência política – mas também nas Relações Internacionais, que buscam trazer a perspectiva de gênero para o centro do debate das grandes agendas globais – cujo foco “envolve a identificação de padrões de discriminação e a busca de suas causas” (Lee-Koo, 2012, p. 78, tradução nossa<sup>1</sup>). Entre esses padrões está a desconstrução da imagem<sup>2</sup> de lideranças políticas femininas na mídia – um tema enfatizado pela IV Conferência Mundial sobre a Mulher, ocorrida em Pequim (China) em 1995. Na ocasião, as Nações Unidas incluíram o problema entre os que devem ser endereçados dentro de uma agenda liberal a favor da igualdade de gênero (UN Women, 1995), conclamando conglomerados de mídia, sindicatos e grupos de interesse a cooperarem por uma melhor regulação da imprensa. Mas poucos avanços são percebidos nessa direção (Campus, 2013).

No meio acadêmico, o viés de gênero da cobertura da mídia sobre mulheres na política já alcançou uma posição de consenso entre pesquisadoras feministas, que investigam essa relação há 20 anos (Childs; Krook, 2006; Trimble, 2014; Gidengil; Everitt, 2003; Norris, 1997; Fox; Lawless 2004). Elas destacam principalmente três padrões específicos de representação na imprensa política: 1) as mulheres têm menos visibilidade do que os homens em campanhas eleitorais (o que pode direcionar os resultados nas urnas); 2) elas são retratadas a partir de estereótipos sexistas clássicos, com reforço de metáforas ligadas ao contexto sexual ou universo esportivo tradicionalmente masculino; 3) e, de maneira mais sutil, mas não menos danosa, as referências às mulheres na política são construídas em narrativas que insistem em lhes reservar apenas papéis femininos clássicos, como o de mães, faxineiras ou cuidadoras (Ross; Sreberny, 2000).

De maneira geral, os estereótipos e vieses de gênero reproduzidos pela mídia criam uma percepção hegemônica de que o poder possui características inerentemente masculinas (Pateman, 1989; Wright; Holland, 2014; Trimble; Treiberg, 2010). Competitividade, assertividade, ambição e autopromoção cercam o perfil do homem na política (Eagly; Karau 2002; Huddy; Capelos, 2002). Constrói-se, portanto, uma equivalência entre o comportamento normativo masculino e o que seriam exigências de uma liderança política. De outro lado, o perfil clássico feminino é vinculado às características que marcam a esfera privada, como sensibilidade, busca de consenso, empatia e cuidado com o outro (Hall; Donaghue, 2013; Mavin et al., 2010). Dessa forma, as mulheres são histórica e continuamente retratadas como inadequadas ao poder e à vida pública, a não ser que sofram uma desconstrução de sua identidade e de seu perfil de liderança (Chappell; Waylen, 2013). Ao mesmo tempo, mulheres em alto cargo político continuam sendo cobradas constantemente por padrões de desempenho que vinculam sua vida particular a seu papel na vida pública, o que raramente acontece com os homens (Kellerman et al., 2007). Em muitos casos, a mídia insiste em abordagens que diminuem a importância da ação política, privilegiando detalhar aspectos como roupas, relações amorosas, cuidados estéticos e erros gramaticais ou retóricos (O’Brien; Savigny, 2014).

<sup>1</sup> “Involves identifying patterns of discrimination and seeking their causes” (Lee-Koo, 2012, p. 78).

<sup>2</sup> Sobre o processo de desconstrução de imagens públicas políticas, ressaltamos que, como bem aponta Passos (2017, p. 15) “o entrelaçamento entre os meios de comunicação e o campo político garante à mídia poder decisório sobre quais assuntos e imagens políticas se tornarão públicos e sob que circunstâncias, ou seja, se essas imagens serão veiculadas de forma positiva, negativa, distorcida ou modificada.”.

Essa incongruência entre os estereótipos de gênero na política produz o que Jamieson (1995) intitulou como *double bind* – uma armadilha que exige, de um lado, que as mulheres demonstrem comportamentos associados à política tradicional e, de outro lado, reforcem sua feminilidade. Sendo assim, demonstrações de assertividade e dureza são muitas vezes interpretadas como pouco femininas e reações comuns são tratadas como “fracas” do ponto de vista da exigida assertividade do poder (Okimoto; Brescoll, 2010). Essas percepções são geradas pela mídia que, então, exerce um papel ativo para limitar a ascensão de mulheres, a distribuição de poder e a diversidade de gênero na política (Gidengil; Everitt, 2003; Walsh, 1998).

Julia Gillard e Dilma Rousseff experimentaram diretamente os efeitos de uma mídia que usou o viés de gênero para retratar a performance política de ambas segundo estereótipos sexistas. Depois de ascenderem ao cargo político mais poderoso em seus países e se tornarem ícones feministas, Gillard e Rousseff teriam, então, enfrentado o que Encarnación (2017) definiu, no caso da brasileira Dilma Rousseff, como a vingança do patriarcado. Esse processo de desconstrução de imagem de lideranças femininas, em que a mídia exerce um papel central, é qualificado por Krook e Sanín (2016) como um exemplo de violência política simbólica. Segundo as autoras, o sexismo da cobertura política na imprensa opera como boicote para afastar as mulheres da esfera pública e dos centros de decisão, reservando as arenas de poder à elite masculina.

Desta forma, enquanto a mídia nacional exerce pressão sobre o ambiente político doméstico, com potencial para influenciar a opinião pública local, a imprensa internacional evidencia seu papel de difusor da representação dessas lideranças políticas femininas no ambiente global. Uma das consequências desse fato é a redução do espaço nas agendas globais apenas a vozes e valores masculinos. Quando essas líderes femininas são tratadas com hostilidade ou como inaptas para ocupar cargos públicos, cria-se, na arena global, um estranhamento em relação à presença feminina na alta classe política (ou na chamada *high politics*).

## HISTÓRIAS DE ASCENSÃO E QUEDA

Julia Gillard, que ocupou o cargo de primeira-ministra da Austrália entre 2010 e 2013, e Dilma Rousseff, que fora presidente do Brasil entre 2011 e 2016, foram as primeiras mulheres a ocuparem os principais cargos executivos em seus países. Gillard é solteira e não possui filhos, enquanto Rousseff foi divorciada duas vezes – condições que, por si só, desafiam as expectativas sociais em culturas patriarcais. Ambas iniciaram suas carreiras políticas no movimento estudantil e tiveram atuações profissionais independentes (Gillard, como advogada; e Rousseff, como economista), não apresentando laços políticos familiares.

Em 2010, Gillard assumiu a posição de premiê ao desafiar a liderança do então primeiro-ministro Kevin Rudd no Partido Trabalhista Australiano. Ela ganhou, assim, o status de “sensação feminista” (Du Codray, 2016, p. 275, tradução nossa<sup>3</sup>) não apenas pelo otimismo em torno da representação feminina inédita no cargo, mas por seu famoso discurso – realizado em 2012 no Parlamento australiano contra a misoginia, embora tal discurso tenha sido recebido com descrédito pela imprensa local (Wright; Holland, 2014). Após três anos, seu status passou a ser o de “líder decepcionante” (Du Codray, 2016, tradução nossa<sup>4</sup>) inclusive entre a esquerda política e o movimento feminista<sup>5</sup>, o que a fez sofrer o peso das expectativas

<sup>3</sup> “Feminist sensation” (Du Codray, 2016, p. 275).

<sup>4</sup> “Disappointing leader” (Du Codray, 2016).

<sup>5</sup> Gillard também se posicionou contra o casamento gay, e favorável à licença maternidade paga e a outros benefícios para pais ou mães solteiros(as).

normativas sobre o que deveria ser o governo de uma mulher. Gillard renunciou em junho de 2013, com reduzido apoio político, após perder a liderança no partido pelo próprio Kevin Rudd.

Em 2011, Dilma Rousseff assumiu a presidência do Brasil sucedendo o cargo de seu principal mentor e aliado político: o primeiro presidente de esquerda no país, Luís Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores – que ocupou tal cargo por dois mandatos consecutivos entre 2003 e 2010. Necessário ressaltar que Rousseff, ainda em 2005, passou a ocupar o cargo de Ministra da Casa Civil (primeira mulher a ocupar o cargo no Brasil). “Como ministra, Dilma assumiu a direção de programas-chave no governo de Lula, como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), em 2007, e o Minha Casa, Minha Vida, em 2009” (Passos, 2017). Foi eleita à presidência do Brasil em 2010 e reeleita em 2014 sob a promessa de aprofundar as políticas sociais do governo de seu antecessor (Jalalzai; Santos 2015; Mendonça; Ogando, 2013).

Diante de uma violenta campanha nos meios de comunicação<sup>6</sup> (Biroli, 2016; Van Dijk, 2017), Rouseff sofreu impeachment em 2016, já no seu segundo mandato, após o Tribunal de Contas da União (TCU) decidir por “rejeitar as contas apresentadas pelo governo de Dilma ao final do primeiro mandato, alegando crime de responsabilidade fiscal” (Passos, 2017, p. 129) a partir das chamadas “pedaladas fiscais”<sup>7</sup>. Apesar da ampla divergência sobre a legalidade de tais “pedaladas” a Câmara dos Deputados e, posteriormente, o Senado Federal decidiram em votação por afastar Rousseff do cargo da presidência do país.

Cerca de 15 mil quilômetros separam Brasil e Austrália. Os dois países possuem sistemas políticos diferentes (presidencialismo multipartidário e parlamentarismo, respectivamente) e contextos econômicos e sociais bastante diversos. Mas as narrativas de Julia Gillard e Dilma Rousseff na mídia permitem construir algumas aproximações. Uma das características mais marcantes nas histórias de Gillard e Rousseff foi o discurso patriarcal agressivo na mídia tanto na Austrália quanto no Brasil (Wright; Holland, 2014; Hall; Donaghue, 2013; Du Coudray, 2016; Biroli, 2016; Van Dijk, 2017; Walsh, 2013; Curtin, 2015; Gillard, 2014; Fernandes, 2012; Goldsworthy, 2013). Resta então perguntar: de que maneira a derrota política dessas duas mulheres foi tratada pela mídia internacional? Os casos da cobertura internacional sobre as saídas de Gillard e Rousseff do poder indicam que a desvalorização da liderança das mulheres ultrapassa o tempo e as fronteiras nacionais.

O corpus utilizado na análise de conteúdo foi obtido a partir de pesquisa realizada na base de dados Factiva<sup>8</sup>. A partir dessa ferramenta foram coletadas notícias que continham a palavra-chave “Julia Gillard” e que foram publicadas em 26 de junho de 2013, data da derrota na votação pela liderança do Partido Trabalhista Australiano e no dia posterior ao ocorrido; bem como notícias que continham o termo “Dilma Rousseff” e que foram publicadas em 12 de maio de 2016, data da votação do impeachment no Senado Brasileiro e no dia seguinte a esse evento.

<sup>6</sup> Interessante pontuar que a história de Rousseff como participante da guerrilha contra a ditadura militar (entre 1964 e 1985) foi continuamente reforçada pela mídia brasileira, especialmente pelas torturas que sofreu durante o período em que esteve presa. As consequências da violência sofrida por Rousseff eram apresentadas pela imprensa como uma das explicações para sua personalidade dura e inabilidade nas relações políticas.

<sup>7</sup> “[...] apelido dado ao sistemático atraso nos repasses de recursos do Tesouro Nacional para que o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e o BNDES paguem benefícios sociais como o Bolsa-Família, Minha Casa Minha Vida, seguro desemprego, crédito agrícola etc. Como as instituições financeiras pagam em dia os benefícios, o atraso no repasse dos recursos públicos gera contratualmente o pagamento de juros pelo governo aos bancos públicos” (RIBEIRO, 2016, p. 3).

<sup>8</sup> Ferramenta online de propriedade da Dow Jones & Company que permite, sob assinatura, a busca de notícias publicadas em diversos jornais, revistas e agências de notícia internacionais. Pode ser acessada em: <[http:// https://www.dowjones.com/products/factiva/](http://https://www.dowjones.com/products/factiva/)>. Os resultados de busca de notícias, contudo, não estão disponíveis para acesso livre pela internet (razão pela qual as referências a cada artigo não podem indicar seus respectivos sites originais – geralmente acessíveis apenas mediante contrato de assinatura com os serviços de distribuição de notícias).



Para a análise empírica dos dados coletados foram selecionados apenas os artigos publicados por agências de notícias internacionais e seus serviços específicos, quais sejam: Associated Press, Agence France Press, Dow Jones, Reuters, DPA, Xinhua News Agency e EFE. Dada a relevância e a reprodutibilidade de seus textos, também foram consideradas as publicações online de The New York Times, The Washington Post, The Wall Street Journal, Al Jazeera e TASS World Service. A partir desse recorte foram analisadas cinquenta e três notícias sobre Julia Gillard e sessenta e seis sobre Dilma Rousseff – totalizando cento e dezoito textos analisados<sup>9</sup>.

Ressaltamos que as notícias produzidas no curto prazo pelas agências internacionais, ou seja, as análises realizadas no calor dos acontecimentos, permitem apontar as representações de gênero que são prontamente difundidas pelo mundo – refletindo as primeiras percepções de jornalistas e potencialmente alguns valores de gênero já cristalizados entre correspondentes internacionais e editores. Estes, por pressão do próprio mecanismo industrial de produção de notícias, são levados a produzir rapidamente seus textos sobre fatos internacionais a serem comercializados, sem possibilidade de consultar mais fontes ou refletir criticamente sobre seus escritos. Assim, tais notícias permitem capturar os primeiros sentimentos em relação aos fatos noticiados – incluindo visões de gênero.

## A DISCUSSÃO SOBRE AS NARRATIVAS

A primeira conclusão sobre a comparação de narrativas utilizadas pelas agências de notícia internacionais nos dois casos especificados anteriormente foi a de que tanto Gillard como Rousseff foram líderes submetidas ao jogo político – o que reforça a percepção de que neste ambiente, não há espaço para novatas que não partilhem das normas instituídas (por homens e para homens).

O fato de Gillard ter sido vencida por Kevin Rudd, que fora desafiado por ela também em 2010 (e de quem era vice-primeira ministra na ocasião), foi apontado como o principal motivador de sua derrota – algo tratado como inevitável na lei de ação e reação da política e que Gillard teria desconsiderado. A Agence France Presse (2013) chamou a atenção para o fato de que Gillard ‘destruiu Rudd de forma impiedosa em um golpe do partido ocorrido em 2010’ (Agence France Presse, 2013, tradução nossa<sup>10</sup>), mas teria sido incapaz de perceber que a popularidade de Rudd dificilmente seria abatida. Além disso, a ação inicial de impiedade de Gillard com Rudd teria então sofrido um revés – já que seu comportamento, muito ambicioso para uma mulher, é considerado desviante. A Dow Jones Newswire utilizou-se de narrativa semelhante, reforçando a “reviravolta impressionante” (Curran, 2013, tradução nossa<sup>11</sup>) de Rudd sobre Gillard, depois de esta ter “liderado a revolta do partido que expulsou” (Curran, 2013, tradução nossa<sup>12</sup>) Rudd três anos antes. Gillard foi então tratada como um personagem que ativamente atuou para trair, mas que foi derrotada passivamente – indicando primeiro, não ser confiável; e depois, sugerindo uma incapacidade de reverter o desgaste político. O resultado da disputa foi qualificado repetidamente, como um “retorno dramático” (Reuters, 2013, tradução nossa<sup>13</sup>) de Rudd. A narrativa ganhou ares de uma novela – uma “novela de nível soberano” de acordo com a Xinhua News Agency (Jun, 2013, tradução nossa<sup>14</sup>) em que a traição inicial é

<sup>9</sup> Uma vez que o foco da análise do corpus é qualitativo, foram excluídos da amostra inicial os textos repetidos pelas mesmas agências em diferentes serviços informativos ou reproduzidos por outras companhias. Dessa forma, os números apresentados não expressam a extensão quantitativa da cobertura noticiosa imediata sobre esses dois acontecimentos políticos (a renúncia de Julia Gillard e o impeachment de Dilma Rousseff), que circunstâncias, ou seja, se essas imagens serão veiculadas de forma positiva, negativa, distorcida ou modificada.”

<sup>10</sup> “Ruthlessly ousted Rudd in a 2010 party room coup [...]” (Agence France Presse, 2013).

<sup>11</sup> “Stunning turnaround” (Curran, 2013).

<sup>12</sup> “Led the party revolt that ousted” (Curran, 2013).

<sup>13</sup> Dramatic return” (Reuters, 2013a).

<sup>14</sup> “A soap opera on a sovereign level” (Jun, 2013).

finalmente condenada, mas importante salientar que Rudd não foi considerado igualmente rude por ter utilizado a mesma carta de Gillard (Parry, 2013<sup>15</sup>). Nesta história específica, ela foi a única retratada como o personagem que deveria, então, se contentar com seu lugar anterior – e pagar o preço por ter ousado realizar um movimento incomum para uma mulher na política.

As circunstâncias pelas quais Rousseff<sup>16</sup> enfrentou o processo de impeachment em 2016 diferem-se consideravelmente da saída de Gillard do poder. Mas Rousseff também foi retratada como a líder feminina que não tinha opção senão entregar o cargo – não apenas pelos procedimentos de impeachment, mas pela descrença geral em sua capacidade de governar. “Forçada a se demitir” (Dow Jones Newswires, 2016, tradução nossa<sup>17</sup>), a brasileira foi tratada como profundamente impopular e hostil (assim como Gillard, ao final de seu mandato) e então fora “julgada por contas manipuladas ilegalmente” (Dow Jones Newswires, 2016, tradução nossa<sup>18</sup>)<sup>19</sup>.

Embora o noticiário internacional tenha registrado as declarações de Rousseff após a votação de impeachment, quando ela “jurou ganhar a ‘luta pela democracia’”<sup>20</sup> (Kannapell; Stevenson, 2016, tradução nossa<sup>21</sup>), a ex-presidente foi considerada uma desafiante diante da derrota já estabelecida e, portanto, estaria apenas pronunciando seu último discurso. Em todo o conteúdo de denúncia presente no discurso de Rousseff, a Associated Press (AP) escolheu destacar a seguinte declaração: “Posso ter cometido erros, mas nunca cometi crimes” (Rousseff apud Associated Press, 2016, tradução nossa<sup>22</sup>). É significativo que, diante de um discurso com denúncias de um golpe de estado, a AP tenha escolhido ressaltar a frase em que a ex-presidente reconheceu erros pessoais. Assim, a personalização dos erros políticos incide sobre Rousseff<sup>23</sup>, da mesma forma como ocorreu com Gillard que, conforme relatado, foi representada como a culpada pelo ato final de seu drama como primeira-ministra. Sobre ambas recaiu, portanto, a sentença na forma de um julgamento (no caso brasileiro) ou de uma saída definitiva da política (no caso australiano).

Além de silenciadas e punidas, Rousseff e Gillard foram marcadas pela imprensa internacional como aquelas que produziram a confusão política que deveria ser, posteriormente, solucionada por

<sup>15</sup> “Kevin Rudd called for a ‘kinder’, ‘gentler’ approach to politics [...]” (Parry, 2013). Numa livre tradução: Kevin Rudd pediu uma abordagem mais afável e mais gentil na política [...].

<sup>16</sup> Rousseff assumiu seu segundo mandato (após ser reeleita em 2014 para mais quatro anos de administração) guiada pela popularidade do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, mas em meio a uma retração econômica de 3,5% ao ano (contra a média de crescimento de 7% durante a gestão de Lula). Além disso, uma grande investigação contra a corrupção estava em curso, afetando especialmente a maior companhia de petróleo do País, a Petrobras – da qual Rousseff foi presidente do conselho administrativo. Embora não haja acusações contra ela, os fatos tornaram-se munição política para membros da oposição, que aceitaram abertura do processo de impeachment por outra razão – manobras econômicas envolvendo empréstimos de bancos estatais para o governo, mantendo artificialmente positivos os resultados das contas públicas. Mesmo sem consenso sobre a análise técnica da ilegalidade do ato segundo a Constituição brasileira, deputados e senadores avaliaram que os valores envolvidos no caso eram muito significativos e votaram pelo impeachment de Rousseff. Entre eles, a grande maioria responde por processos criminais e eleitorais na Justiça e muitos hoje estão presos, incluindo o presidente da Câmara dos Deputados, que liderou as sessões de julgamento.

<sup>17</sup> “Forced to step down” (Dow Jones Newswires, 2016).

<sup>18</sup> “Put on trial for illegally manipulated accounts” (Dow Jones Newswires, 2016).

<sup>19</sup> Importante pontuar que mesmo antes dos atos serem julgados como ilegais, a notícia em questão tratou a ilegalidade como assunto definitivo.

<sup>20</sup> Na ocasião, a presidente e seus aliados utilizaram a narrativa do golpe em contrapartida à narrativa do impeachment. O golpe em questão, de acordo com os legitimadores dessa narrativa, estaria sendo orquestrado pelos opositores ao governo de Rousseff bem como pela mídia hegemônica brasileira para que o vice-presidente à época, Michel Temer, reconfigurasse a base de sustentação do governo, num cenário de ampla investigação contra corrupção (Passos, 2017). O fato foi destacado com mais atenção apenas por Al Jazeera (2016).

<sup>21</sup> “Swore to win ‘the struggle for democracy’” (Kannapell; Stevenson, 2016).

<sup>22</sup> “I may have committed errors but I never committed crimes” (Rousseff apud Associated Press, 2016).

<sup>23</sup> No editorial do The New York Times (The Editorial Board, 2016), Rousseff foi chamada de “uma péssima e insensível liderança política”.

seus sucessores (homens). No Brasil, Michel Temer, que assumiu o cargo de presidente do país após o afastamento de Rousseff, ganhou espaço em agências como a alemã PA (2016) e a Reuters (2016a) ao prometer “salvação nacional” – para “pacificar a nação e unificar o Brasil”<sup>24</sup>. No The Wall Street Journal Online, o legado de Rousseff foi retratado como uma “economia em coma” diante de um “escândalo político colossal” (Baker, 2016, tradução nossa<sup>25</sup>) em meio a grande insatisfação popular. As primeiras ações de Temer na presidência foram reportadas como medidas econômicas necessárias, acompanhadas por elogios de analistas econômicos (Philips; Miroff, 2016; Trevisan; Johnson, 2016; Jelmayer; Lewis 2016; Reuters, 2016a). Além disso, o The Wall Street Journal (2016) avaliou, em tom de aviso, que “as líderes de torcida da Senhora Rousseff” (The Wall Street Journal, 2016, tradução nossa<sup>26</sup>) também deveriam aprender a lição de que os programas de esquerda são um equívoco – numa associação direta entre fracasso político e econômico com a imagem infantilizada das partidárias defensoras de Rousseff<sup>27</sup>.

Diante de uma “derrota eleitoral esmagadora” (AFP, 2013a, tradução nossa<sup>28</sup>), ou uma “derrota catastrófica” (Reuters, 2013b, tradução nossa<sup>29</sup>) ou, ainda, uma “derrota retumbante” (Glynn, 2013, tradução nossa<sup>30</sup>) em 2013, o australiano Kevin Rudd foi também considerado o salvador do Partido Trabalhista Australiano diante das constantes especulações sobre a liderança de Julia Gillard. Em outro artigo, a AFP (2013b) considerou que Gillard cometeu uma “série de medidas políticas equivocadas” (AFP, 2013b, tradução nossa<sup>31</sup>) o que contribuiu para criar um contexto para apresentar o ex-diplomata Rudd como um “líder seguro” que “manteve a Austrália livre de recessão durante toda a crise financeira” (Coopes, 2013, tradução nossa<sup>32</sup>). Na Dow Jones Newswires, a imagem de Rudd como “o menino que retornou, a figura heroica” (Dow Jones Newswires, 2013, tradução nossa<sup>33</sup>) é levantada para indicar que ele seria a solução para o partido (Curran, 2013). A Reuters (2013a) destacou ainda o papel de Rudd de “reconstruir as relações com a comunidade empresarial” (Reuters, 2013b, tradução nossa<sup>34</sup>). A experiência de Rudd na mídia (Curran, 2013) é apresentada como apenas mais uma das qualidades do substituto de Gillard para “gerenciar a perigosa transição, distante de uma economia dominada pelos recursos” (Curran, 2013, tradução nossa<sup>35</sup>). Em outras palavras, a Dow Jones Newswires citou Rudd como o homem certo “para uma dura batalha” (Dow Jones Newswires, 2013, tradução nossa<sup>36</sup>). Essas distinções entre Gillard e Rudd reforçam a avaliação da inabilidade feminina para o cargo, assim como o enredo da gestão de Rousseff e Gillard é relatado como uma experiência fracassada.

<sup>24</sup> ‘national salvation’ – to ‘pacify the nation and unify Brazil’.

<sup>25</sup> ‘Comatose economy’ with a ‘colossal political scandal’ (Baker, 2016).

<sup>26</sup> ‘Ms. Rousseff’s cheerleaders’ (The Wall Street Journal, 2016).

<sup>27</sup> “O uso da expressão líder de torcida merece uma análise muito mais ampla do que é possível fazer neste texto. Mas é importante ressaltar um conjunto de ideias na comparação feita por The New York Times com a objetificação do corpo feminino; com o comportamento supostamente festivo de partidárias feministas de Dilma; com a sugestão de que apenas mulheres apoiariam o programa de governo da presidente brasileira; com a ideia de que as próprias feministas agiriam infantilmente como numa torcida organizada pela ascensão feminina – especialmente para formar um governo de esquerda. Todas essas associações remetem a um pacote só, cujo significado remeteria à imaturidade de Rousseff e aliadas no trato político e na condução de políticas econômicas à frente de governos nacionais.

<sup>28</sup> ‘Crushing election defeat’ (AFP, 2013a)

<sup>29</sup> ‘Catastrophic defeat’ (Reuters, 2013a)<sup>21</sup> ‘Swore to win “the struggle for democracy” (Kannapell; Stevenson, 2016).

<sup>30</sup> ‘Resounding defeat’ (Glynn 2013)

<sup>31</sup> ‘Series of policy mis-steps’ (AFP, 2013b)

<sup>32</sup> ‘Kept Australia recession-free throughout the financial crisis’ (Coopes, 2013)

<sup>33</sup> ‘The comeback kid, the heroic figure’ (Dow Jones Newswires, 2013)

<sup>34</sup> ‘Rebuild relations with business Community’ (Reuters, 2013a).

<sup>35</sup> ‘Managing the hazardous transition away from a resources-dominated-economy’ (Curran, 2013).

<sup>36</sup> ‘Up for a tough battle’ (Dow Jones Newswires, 2013)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Julia Gillard e Dilma Rouseff são lembradas como mulheres que conseguiram avançar, de forma inédita, até o mais alto posto político em seus países. A ascensão política de ambas era citada como exemplo de que a desigualdade da representação feminina na política poderia estar sendo reduzida desde os anos 90, ao lado de outras mulheres que também chegaram ao posto de chefes de Estado (Jalalzai; Santos, 2015; Krook; Sanín, 2016; Waylen, 2015; Fernandes, 2012; Franceschet, 2011). Mas as perspectivas vêm sendo frustradas desde 2013, com a derrota de várias líderes que foram preteridas em eleições ou foram removidas de seus cargos.

Para Georgina Waylen (2015), essa pode ser uma das consequências da chamada crise da democracia, que ela avalia ter um efeito particularmente negativo sobre as mulheres. Sua avaliação é a de que o desengajamento tradicional dos cidadãos com a política ocorre paralelamente com novas tendências dos mercados de comunicação, como as redes sociais na Internet. Nestes meios, discursos misóginos proliferam, criando um ambiente cultural nocivo à atividade política feminina. Resta saber se esta tendência se confirma também entre a produção das agências de notícias internacionais. Para tanto, são necessárias pesquisas mais abrangentes nesses espaços de notícias, abrangendo outros casos e períodos mais extensos de tempo do que os que foram utilizados neste estudo.

Diante da reduzida amostra de artigos avaliados e do espaço restrito para reflexões mais amplas, a pesquisa aqui relatada apresenta algumas limitações, entre elas: a impossibilidade de acompanhar a repercussão desses textos no espaço internacional; e o desenvolvimento de um quadro mais compreensivo de análise que leve em conta tendências editoriais de cada empresa de mídia. Apesar disso, o estudo permitiu concluirmos que há dois enquadramentos claros pelos quais as derrotas específicas de Gillard e Rouseff foram retratadas pelas agências internacionais: a da sujeição das mulheres ao jogo político masculino e a do legado deixado por elas como exemplo do fracasso feminino. Esses retratos reforçam o estereótipo de gênero na política, reafirmando sua suposta inaptidão para exercer o poder e, por fim, desencorajando as mulheres para a vida pública. A mídia demonstra, assim, seu papel ativo na marginalização feminina na política, contribuindo para conservar as estruturas de poder apenas entre os homens.

### REFERÊNCIAS>>

AGENCE FRANCE PRESSE. New bid to oust Australian PM – reports. Agence France Press, 26 Junho 2013 (2013b).

AGENCE FRANCE PRESSE. Rudd sworn in as Australia's new prime minister. Agence France Press, 27 June 2013 (2013a)

ALJAZEERA. Brazil's interim president holds first cabinet meeting. AlJazeera, 13 Maio 2016.

ASSOCIATED PRESS. Quotations in the News. Associated Press, 13 Maio 2016.

BAKER, G. The 10-Point. A personal, guided tour to the best scoops and stories every day in The Wall Street Journal. The Wall Street Journal Online, 12 Maio 2016.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008, p.189-217.

BIROLI, F. Political violence against women in Brazil: expressions and definitions. *Direito & Práxis*, v. 7, n. 3, p. 557-589, ago 2016.

**Quem Falhou? Representações transnacionais sobre a derrota das mulheres como chefes de Estado**

- CAMPUS, D. Political Discussion, Views of Political Expertise and Women's Representation in Italy. *European Journal of Women's Studies*, v. 17, n. 13, p. 249-267, 2010.
- CAMPUS, D. *Women Political Leaders and the Media*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.
- CAGE, M. The number of countries with female political leaders has plummeted. *The Washington Post*, 9 Jan 2017. Disponível em: <[www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2017/01/09/this-is-whats-behind-the-stunning-decline-in-female-political-leaders/?utm\\_term=.125a4b5f085f](http://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2017/01/09/this-is-whats-behind-the-stunning-decline-in-female-political-leaders/?utm_term=.125a4b5f085f)>. Acesso em 5 Abril 2017.
- CHAPPELL, L.; WAYLEN, G. Gender and the Hidden Life of Institutions'; *Public Administration*, v. 91, n. 3, p. 599-615, 2013.
- CHILDS, S.; KROOK, M. L. Gender and Politics: The State of the Art. *Politics*, v. 26, n. 1, p. 18-28, 2006.
- COOPES, A. Kevin Rudd: A volatile but polished politician. *Agence France Presse* 26 Jun 2013.
- CURRAN, E. Australian's Rudd Topples Prime Minister Gillard. *Dow Jones Newswires* 26 Jun 2013.
- CURTIN, J. The prime ministership of Julia Gillard. *Australian Journal of Political Science*, v. 50, n. 1, p. 190-204, 2015.
- DEUTSCHE PRESS AGENTUR (DPA) Brazil's new leader proposes "national salvation" government. *Deutsche Press Agentur*, 13 Maio 2016.
- DOW JONES NEWSWIRES. DJ News Highlights: Top Economic Stories of the Day. *Dow Jones Newswires*, 27 Jun 2013.
- DOW JONES NEWSWIRES News Highlights: Top Economic Stories Of The Day. *Dow Jones Newswires* 12 May 2016.
- DU COUDRAY, C. B. A 'disappointing' leader: the postmaternalism of public feminist commentary on Julia Gillard. *Continuum*, v. 30, n. 3, p. 274-283, 2016.
- EAGLY, A. H.; KARAU, S. J. Role congruity theory of prejudice toward female leaders. *Psychological Review*, v. 109, p. 573-598, 2002.
- ENCARNACIÓN, O. The Patriarchy's Revenge: How Retro-Macho Politics Doomed Dilma Rousseff. *World Policy Journal*, v. 34, n.1, p. 82-91, 2017.
- FERNANDES, S. Dilma Rousseff and the challenge of fighting patriarchy through political representation in Brazil. *Journal of International Woman's Studies*, v. 13, n. 3, p. 114-126, 2012.
- FRANCESCHET, S. Gender Policy and State Architecture in Latin America. *Politics & Gender*, v. 7, n. 2, p. 273-279, 2011.
- FOX, R.; LAWLESS, J. Entering the Arena? Gender and the Decision to Run to Office. *American Journal of Political Science*, v. 48, n. 2, p. 264-280, 2004.
- GIDENGIL, E.; EVERITT, J. Conventional Coverage/Unconventional Politicians: Gender and Media Coverage of Canadian Leaders' Debates, 1993, 1997, 2000. *Canadian Journal of Political Science* v. 36, n. 3, p. 559-577, 2003.
- GILLARD, J. *My story*. North Sydney: Random House Australia, 2014.
- GLYNN, J. Australian Central Bank's Timing is in Focus Ahead of Election. *Dow Jones Newswires*, 27 Jun 2013.
- GOLDSWORTHY, A. Unfinished business: Sex, freedom and misogyny. *Quarterly Essay*, v. 50, p. 1-79, 2013.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix/EdUSP, 1973.
- HALL, L. J.; DONAGHUE, N. 'Nice girls don't carry knives': Constructions of ambition in media coverage of Australia's first female prime minister'. *British Journal of Social Psychology*, v. 52, p. 631-647, 2013.
- HARDIN, M.; WHITESIDE, E. Framing Through a Feminist Lens: A Toll in Support of an Activist Research Agenda'. In: D'ANGELO,

### **Quem Falhou? Representações transnacionais sobre a derrota das mulheres como chefes de Estado**

- P.; KUYPERS, J. A. (Orgs.) *Doing News Framing Analysis: Empirical and Theoretical Perspectives*. New York: Routledge, 2010, p. 312-330.
- HUDDY, L.; CAPELOS, T. Gender stereotyping and candidate evaluation: Good news and bad news for women politicians. In: OTTATI, V.C.; TINDALE, R. S.; EDWARDS, J.; BRYANT F. B.; HEALTH, I.; O'CONNELL, D. C.; SUAREZ-BALZACAR, Y.; POSAVAC, E. J. (Orgs.) *The social psychology of politics*. New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers, 2002, p. 29-53.
- KANNAPELL, A.; STEVENSON, S. Your Thursday Evening Briefing: Donald Trump, Dilma Rousseff, Trayvon Martin. *The New York Times* 13 Maio 2016.
- KELLERMAN, B.; RHODE, D. L.; O'CONNOR, S. D. *Women and leadership: the state of play and strategies for change*. San Francisco (CA): Jossey-Bass, 2007.
- KROOK, M. L. Empowerment vs. Backlash: Gender Quotas and Critical Mass Theory. *Politics, Groups and Identities*, v. 3, n. 1, p. 184-188, 2015.
- KROOK, M. L.; SANÍN, J. R. Gender and political violence in Latin America. Concepts, debates and solutions. *Política y gobierno*, v. 23, n. 1, p. 125-157, 2016.
- JALALZAI, F. *Shattered, Cracked or Firmly Intact? Women and the Executive Glass Ceiling Worldwide*. New York: Oxford University Press, 2013.
- JALALZAI, F. *Shattered Not Cracked: The Effect of Women's Executive Leadership*. *Journal of Women, Politics & Policy*, v. 37, n. 4, p. 439-463, 2016.
- JALALZAI, F.; SANTOS, P. G. The Dilma Effect? Women's Representation under Dilma Rousseff's Presidency'. *Politics & Gender*, v. 11, p. 117-145, 2015.
- JAMIESON, K. H. *Beyond the double bind: Women and leadership*. New York: Oxford University Press, 1995.
- JELMAYER, R.; LEWIS, J. World News: Businesses, Investors Hail Change. *The Wall Street Journal (Asian Edition)*, 13 Maio 2016.
- JUN, X. Z. Roundup: Rudd ascension fails to shock Australia, markets. *Xinhua News Agency* 27 jun 2013.
- LEE-KOO, K. Feminism. In: DEVETAK, R.; BURKE, A.; GEORGE, J. (Orgs.) *An Introduction to International Relations*, Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 76-90.
- MAVIN, S., BRYANS, P.; CUNNINGHAM, R. Fed-up with Blair's babes, Gordon's gals, Cameron's cuties, Nick's nymphets: Challenging gendered media representations of women political leaders. *Gender in Management: An International Journal*, v. 25, p. 550-569, 2010.
- MENDONÇA, R. F.; OGANDO, A. C. Discursos sobre o Feminino: Um mapeamento dos programas eleitorais de Dilma Rousseff. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 83, p. 195-243, 2013.
- NORRIS, P. Women leaders worldwide: a splash of color in the photo op. In: NORRIS, P. (Org.) *Women, Media and Politics*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 146-165.
- O'BRIEN, D.; SAVIGNY, H. Female Politicians in the British Press, *Journalism Educacion*, v. 3, n. 1, p. 6-27, 2014.
- OKIMOTO, T. G.; BRESCOLL, V. L. The price of power: Power seeking and backlash against female politicians. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 36, n. 7, p. 923-936, 2010.
- PARRY, M. New Australian PM Rudd urges 'gentler' politics. *Agence France Press* 27 jun 2013.
- PASSOS, Mariana Rezende dos. Mito e narrativa: a (des)construção da imagem pública de Lula no contexto da crise política de 2016. 2017. 326f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- PATEMAN, C. *The Disorder of Women*. Oxford: Polity Press, 1989.
- PHILIPS, D.; MIROFF, N. The end of an era in Brazil? *The Washington Post*, 13 Maio 2016.

REIS FILHO, D. A. O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita. In: FERREIRA, J. (Org.). O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.319-389.

REUTERS. Australian's newly elected Prime Minister Rudd gestures next to Albanese as he talks to media after winning Labor Party vote at Parliament House in Canberra. Reuters, 26 Jun 2013 (2013a).

REUTERS. Brazil's interim government touts support for tough measures. Reuters, 14 maio 2016. (2016a).

REUTERS. Press Digest – Australian General News: June 27. Reuters, 27 Jun 2013 (2013b).

REUTERS. Reuters World News Summary. Reuters, 13 May 2016. (2016b)

RIBEIRO, Ivan Morais. O que é, afinal, a condução coercitiva? Canal Ciências Criminais, 04 mar. 2016. Disponível em: <<https://canalcienciascriminais.com.br/o-que-e-afinal-a-conducao-coercitiva/>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

ROSS, K.; SREBERNY, A. Women in the House: Media Representation of British Politicians'. In: SREBERNY, A.; ZONEN, L. van (Orgs.) Gender, Politics and Communication. Cresskill: Hampton Press, 2000, 79-99.

SREBERNY-MOHAMMADI, A.; ROSS, K. Women MPs and the media: Representing the body politic. Parliamentary Affairs, v. 49, p. 103-115, 1996.

SKYES, P. L. Women as National Political Leaders. In: GENOVESE, M. A. (Org.) Women as National Leaders. London: Sage Publications, 1993, 219-229.

THE EDITORIAL BOARD. Making Brazil's Political Crises Worse. The New York Times, 13 Maio 2016.

THE WALL STREET JOURNAL. The Left's Latin Comeuppance, Review & Outlook (Editorial), The Wall Street Journal, 13 Maio 2016.

TREVISAN, P.; JOHNSON, R. World News: New Brazilian Leader Faces Rocky Path: Acting President Michel Temer inherits a nation in crisis as Rousseff is pushed out. The Wall Street Journal, 13 Maio 2016.

TRIMBLE, L. Melodrama and Gendered Mediation. Feminist Media Studies, v. 14, n. 4, p. 663-678, 2014.

TRIMBLE, L.; TREIBERG, N. 'Either way, there's going to be a man in charge': Media representations of New Zealand Prime Minister Helen Clark. In: MURRAY, R. (Org.) Cracking the highest glass ceiling: A global comparison of women's campaigns for executive office. Santa Barbara: Praeger, 2010, 115-136.

(UN WOMEN) The United Nations Fourth World Conference on Women – Platform for Action 1995. Disponível em: <<http://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/platform/media.htm#diagnosis>>. Acesso 25 Abril 2017.

VAN DIJK, T. A. How Globo media manipulated the impeachment of Brazilian President Dilma Rousseff. Discourse and Communication, v. 11, n. 2, p. 199-229, 2017.

WALSH, D. A feminist approach to quotas and comparative politics. Politics and Gender, v. 9, n. 3, p. 322-328, 2013.

WALSH, D. Gender and mediatized political discourse: a case study of press coverage of Margaret Beckett's campaign for the Labour leadership in 1994. Language and Literature, v. 7, n. 3, p. 199-214, 1998.

WAYLEN, G. Engendering the 'Crisis of Democracy': Institutions, Representation and Participation. Government and Opposition, v. 50, n. 3, p. 495-520, 2015.

WRIGHT, K.A.M; HOLLAND. J. Leadership and the media: Gendered framings of Julia Gillard's sexism and misogyny's speech. Australian Journal of Political Science, v. 49, n. 3, p. 455-468, 2014.